

ABORDAGENS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Laura Marconi da Silva Pereira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Resumo:

Através de uma pesquisa bibliográfica e documental podemos observar que a desde a implementação da modalidade de ensino educação de jovens e adultos no Brasil na década de 1940, ainda apresenta algumas inconstâncias na sua atuação. A educação de jovens e adultos ainda carrega um currículo tradicional, dando pouca abertura para o diálogo e troca de das experiências de um alunado que já carrega uma bagagem de vida. Esta é uma das críticas acerca de como é pensado o currículo voltado para as turmas de jovens e adultos. O presente trabalho tem por finalidade demonstrar de forma crítica as abordagens pedagógicas na educação de jovens e adultos. Exemplificado um Projeto Político Pedagógico dentro do Colégio Estadual Anacleto de Medeiros, na Unidade Prisional Evaristo de Moraes, no Rio de Janeiro.

Palavras-chaves: Educação de Jovens e Adultos, Currículo, Educação Prisional.

Introdução.

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 é a lei fundamental e suprema do Brasil, sendo parâmetro para as demais leis e ordenamentos jurídicos que buscam ter validade em todas as espécies normativas.

A nova Constituição traz um caráter mais humanista, garantindo constitucionalmente os direitos fundamentais, o direito no campo das liberdades individuais e coletivas, os direitos de natureza social e política.

Abordando especificamente sobre os direitos sociais, a educação se consolida na Constituição Federal no artigo 6º, tornando a educação um direito assegurado a todos. Bem como, estabelece em seu artigo 22º, a competência privativa da União de legislar sobre as diretrizes e bases sobre a educação nacional.

A educação de jovens e adultos é uma modalidade de ensino que teve seu início na década de 1940, com o fim do Estado Novo, quando foram criadas campanhas de alfabetização como Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos, CEAA, Campanha Nacional de Educação Rural, CNER, Sistema Rádio Educativo Nacional, SIRENA e outras.

Segundo os dados do IBGE¹, o censo da população em 1940 apresentava mais de 56% pessoas analfabetas com mais de 10 anos. Esse dado teve grande relevância pois o país estava em fase de crescimento, acelerando o processo de industrialização e, conseqüentemente, o processo de urbanização.

Com o passar do tempo a educação de jovens e adultos começou a ganhar maior visibilidade e espaço no cenário da educação. Hoje a regulamentação dessa modalidade de ensino está prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, especificamente na “SEÇÃO V - Da Educação de Jovens e Adultos”.

Apesar da legislação para essa modalidade de ensino prevê que as práticas educacionais devem ser adaptadas, considerando as características do alunado, seus interesses, suas condições de vida e de trabalho², ainda observamos amplas divergências quanto a sua aplicabilidade na prática.

Foi feito levantamento de alguns documentos que norteiam a educação em geral, as Diretrizes e o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola Anacleto de Medeiros. E de forma mais estrita a forma como é criado o currículo dessa modalidade de ensino.

O presente trabalho não pretende concluir este assunto, mas sim trazer reflexão sobre as questões curriculares, passando pela construção do conhecimento em rede e suas propostas curriculares, sobre a infantilização desta educação e o formalismo dos currículos e como superar essa tendência geral, apresentando concepções de currículo e deixando em aberto esse debate para aprofundamento e construção.

Contexto da educação de jovens e adultos

Historicamente a educação de jovens e adultos começou a ser pensada nas características do ensino regular, de forma fragmentada e com um currículo tecnicista com pouco diálogo as experiências vividas dos alunos adultos. Essa era uma crítica que Paulo Freire (2011) fazia quanto ao método de ensino desses alunos.

Até os dias atuais ainda encontramos dificuldades na atuação dos educandos na modalidade de ensino destinada aos jovens e adultos. Muitos professores não conseguem abordar uma temática menos infantil àqueles que já possuem uma trajetória na vida, que por diversos motivos não conseguiram dar continuidade ao ensino regular na idade estabelecida pelas leis educacionais.

Ao longo de toda a trajetória, e até os dias atuais a educação de jovens e adultos vem trazendo problemas na organização do currículo, os educadores não estão preparados para atuar com os adultos em sala de aula.

¹ <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv34956.pdf> - acessado em 10/09/2018

² De acordo com art.37, § 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96.

Esse problema, como explica Ribeiro (1999), ocorre pela defasagem na formação dos educadores na constituição da educação de jovens e adultos como campo pedagógico, o que implica na existência de um conjunto de práticas e saberes minimamente articulados em torno de princípios, objetivos ou outros elementos comuns da educação.

Confirmando ainda, que os educadores não estão aptos a repensar a organização disciplinar, no sentido de abrir possibilidades para que os educandos realizem percursos formativos mais diversificados, mais apropriados às suas condições de vida. Os jovens e adultos devem experimentar novos meios de aprendizagem e progressão nos estudos, e não aqueles que provavelmente os impediram de levar a termo sua escolarização anteriormente.

Conhecimento em rede e as propostas do currículo.

A tessitura do conhecimento se baseia nas experiências que vivenciamos cotidianamente e a maneira como agimos em sociedade. Essa noção busca superar o ideal de educação ainda existente hoje, principalmente na educação de jovens e adultos, onde existe uma necessidade maior devido a bagagem de vida que cada aluno carrega e leva para dentro da sala de aula.

Dessa forma, é preciso trabalhar de forma que as redes de conhecimento possam se enredar com redes anteriores, é necessário que haja ligações dos assuntos trabalhados em sala de aula com assuntos já aprendidos anteriormente por esses alunos para que possibilite a compreensão e o aprendizado dos conteúdos trabalhados, e não se restringir apenas ao ensino formal, mas levar em consideração toda bagagem cultural desses alunos.

Como demonstra Oliveira, (2009):

“Um dos problemas enfrentados pela EJA, historicamente, tem sido decorrente da tendência predominante das propostas curriculares a fragmentação do conhecimento e à organização do currículo numa perspectiva cientificista, tecnicista e disciplinarista que dificulta o estabelecimento de diálogos entre as experiências vividas, os saberes anteriormente tecidos pelos educandos e os conteúdos escolares”.

É necessário respeitar e entender a singularidade presente na sala de aula, trabalhar a individualidade, os interesses de cada aluno e suas crenças, pois cada um tem uma maneira singular de estabelecer conexões, bem como, tem suas experiências e saberes individuais.

Podemos observar nitidamente essa falha pedagógica na EJA ao perceber que a proposta curricular dessa modalidade de ensino segue a lógica infantil dos currículos destinados às crianças que frequentam as escolas regulares. Ou seja, toda a particularidade voltada às vivências sociais e culturais desses alunos são ignoradas.

Experiências X Práticas na EJA

A educação de jovens e adultos é uma modalidade de ensino que trabalha com pessoas adultas, que já possuem experiências nos mais variados âmbitos da vida e que em sua maioria já trabalham. Esse público dotado de informações sobre as eventualidades do seu dia a dia merecem uma prática que se aplica totalmente a eles e as suas realidades, levando em consideração que o ato de aprender é subjetivo, mas a prática do professor deve favorecer o público a qual se atende.

Freire (2011)³ explica essa temática quando fala da “educação bancária”, criticando a educação rígida, autoritária e antidialógica na qual o professor tem o papel de transferir o seu saber para alunos, como se fossem uma “folha de papel em branco”. Enfatiza que a educação deve ser problematizadora, deve trazer o diálogo e a participação de todos da sala de aula; deve ser questionada e levantar dúvidas. Professor e alunos devem buscar juntos e construir conhecimento valorizando o que já sabem.

Muitos professores da EJA usam a mesma didática para o ensino fundamental de crianças e o ensino fundamental de jovens e adultos, acreditam que a forma de ensinar deve ser a mesma, até mesmo na interação professor – aluno. Quando o professor constrói suas aulas dessa forma ele não leva em conta toda a bagagem social que os adultos já possuem e ainda os infantiliza, restringe-se de falar alguns assuntos por acreditar que os alunos não irão alcançar o diálogo.

Quando se trabalha com crianças a escola tem como uma das finalidades apresentar o mundo e os problemas a qual toda sociedade passa, torna-las críticas, mas para os adultos que já conhecem esse mundo e que já passam com toda clareza por problemas sociais a escola deve ser esclarecedora, e, portanto, se apropriar do vivido pelos alunos para ensinar sobre suas realidades de forma mais crítica. Isso implicaria no currículo e nos conteúdos programáticos da escola que muitas vezes não atribuem esse aspecto de representar suas realidades dentro das práticas escolares.

Atualizando o esquema curricular

A criação formalista dos currículos nas escolas do Brasil hoje é baseada por uma lógica do modelo predominantemente hegemônico político da nossa sociedade, o neoliberalismo, com sua raiz no capitalismo. É assim que se tem o pensamento em um currículo que prioriza o saber teórico sobre o prático, os saberes formais sobre os saberes de quem vivência situações do trabalho intelectual sobre o manual.

Acerca dos debates enfrentados, as propostas curriculares destinadas a educação de jovens e adultos são organizadas com os mesmos modelos destinados ao ensino regular. Percebe-se o desinteresse dos órgãos superiores para esse modelo de ensino. Para eles pouco importa a experiência de vida de quem busca esse ensino, visto que se formos observar a lógica capitalista, a população que busca a EJA já tem uma posição na sociedade, e então, não teria porque investir nessa educação.

³ FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 50ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2011

Certamente esse entendimento congela e negligência riquezas dos processos da vida social dos alunos, sendo necessário superar esse entendimento formalista e cientificista do currículo e buscar compreendê-lo como oriundo de múltiplos processos de tessitura de saberes do cotidiano.

A prática curricular consistente só poderá ser encontrada se aceitar os saberes de quem pratica o currículo (os alunos). Para isso, a EJA deve ser pensada nos espaços da escola e nos espaços a sua volta, para construir propostas curriculares mais adequadas aos alunos. É um passo fundamental para se pensar nas possibilidades de novos desenhos curriculares destinados a essa educação.

Tanto em um ensino regular e principalmente em um ensino de jovens e adultos, os alunos trazem para dentro da sala de aula uma rede de saberes pelas suas múltiplas experiências. Na integração entre os diferentes alunos, novas redes são tecidas e é na riqueza desse processo de aprendizagem que possibilita a cada aluno o que vai ser aproveitado e descartado. Ou seja, uma sala de aula sempre será constituída por sujeitos que sabem uma série de coisas e outros que deixam de saber algumas coisas. O currículo deve proporcionar essa abertura para dar conta da multiplicidade de saberes que se encontram, e para se inserir no cotidiano da experiência escolar. A escola não deve ser prescrita, e sim ter uma proposta que dialogue com o que ela é.

Quando o corpo pedagógico define os conteúdos que serão integrados na proposta curricular, deixam outros de lado. Essas propostas devem diferenciar daquelas vigentes no ensino regular, pois os objetivos desse modelo de ensino são diferentes. Ribeiro (1999), apresenta um exemplo da construção dos conteúdos curriculares acerca dos adultos que concluíram o ensino na escola regular e se perguntam por que aprenderam tal conteúdo em detrimento de outros, e por que foram ensinados de tal forma e não de outra. Foram tantos conteúdos que não faziam e não fazem sentido até hoje.

A infantilização do conteúdo piora as indagações feitas pelos alunos, muitas informações não fazem sentido para a classe, pois a significação se torna incompreensível para eles.

Oliveira (2009), indaga que talvez eles saibam o conteúdo, mas há uma dificuldade em fazer uma relação dos conteúdos que são passados em sala com a sua vida. Isso acontece justamente porque o currículo de jovens e adultos é um retrato perfeito da escola regular, este currículo não leva em consideração que os jovens e adultos tem diferentes faixas etárias, modos de fazer e aprender dos mais distintos, e necessitam de um currículo que faça significância em suas vidas.

Um dos objetivos do trabalho pedagógico é incorporar as possibilidades de relacionar os alunos a situações da sua vida cotidiana, para melhorar a sua qualidade de vida em relação à vida em sociedade. Significando deixar de lado alguns conteúdos formais clássicos para que outras operações possam contribuir para capacitação dos alunos. Saberes que contribuem para o desenvolvimento da consciência crítica e para essa capacitação

Como exemplifica Ribeiro, (1999):

“Entretanto, também é de extrema relevância a análise de como saberes e competências relacionados aos contextos existenciais dos jovens e adultos trabalhadores poderiam ser abordados pedagogicamente de modo a fazer

avançar sua capacidade crítica, criatividade e autonomia, e não meramente como capacitação para tarefas específicas, sem maior relevância cognitiva ou atitudinal.”

A educação de jovens e adultos deve incorporar prioridades na seleção dos conteúdos que irão nortear e organizar o seu trabalho. Deve haver uma articulação entre os saberes tecidos nas práticas sociais dos sujeitos com saberes formais que possam ser articulados para dar maior conhecimento político e técnico para intervirem na vida cotidiana.

Observando essas articulações temos o princípio da transversalidade no currículo, onde vários saberes se relacionando com as experiências de vida e as disciplinas, dando um maior significado a escola na vida de uma turma de jovens e adultos.

Projeto Político Pedagógico na escola prisional

Em paralelo a pesquisa documental e bibliográfica sobre a educação de jovens e adultos no Brasil, foi realizada uma participação em 2015, no VIII Café Literário no Colégio Estadual Anacleto de Medeiros, situado no Presídio Evaristo de Moraes, no Bairro de São Cristóvão, Rio de Janeiro, onde foram observados alguns pontos acerca da modalidade de ensino do colégio.

A participação no VIII Café Literário se deu através do convite da diretora do colégio, Sônia Maria, a alguns alunos e pesquisadores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ.

O procedimento para autorização da entrada dos convidados foi bastante rigoroso. A diretora da escola entregou uma lista com os dados completos (nome, identidade, CPF, endereço) dos convidados ao diretor do presídio e à Secretaria de Administração Penitenciária, SEAP, onde foi feito um levantamento dos dados, desde antecedentes criminais e relações pessoais com algum preso da unidade, e a partir desses critérios é concedido o aval para a entrada na escola.

O Colégio Anacleto de Medeiros fica dentro da Unidade Prisional Evaristo de Moraes, trata-se de um presídio masculino, com a presença de homens já sentenciados e homens que ainda estão aguardando uma condenação.

Segundo os dados do Geopresídios⁴, o presídio tem a capacidade projetada para 1.497 pessoas, mas a lotação atual é de 3.288 pessoas.

A escola funciona no horário diurno, com dois turnos – de 9h às 12h, 13h às 16h –, tem aproximadamente 300 alunos, que são selecionados por documentação ou prova de nivelamento, podendo ser matriculados no Ensino Fundamental (do 1º ao 9º ano) e no Ensino Médio (do 1º ao 3º ano).

⁴ De acordo com Recibo de Cadastro de Inspeção do Presídio Evaristo de Moraes. Disponível em: http://www.cnj.jus.br/inspecao_penal/gera_relatorio.php?tipo_escolha=rel_estabelecimento&opcao_escolhida=737-2114&tipoVisao=presos - acessado em 09/09/2018 às 1:15

A estrutura da escola é fortalecida pela parceria e pelo diálogo, que se evidencia pelas propostas interdisciplinares e a relação com os apenados não-alunos, funcionários e direção da Unidade Prisional. O corpo discente formado por professores, coordenação e direção é participativo tanto nas atividades pedagógicas quanto no apoio para a manutenção e conservação das estruturas do colégio.

A base da escola segue os ideais de Paulo Freire, onde o homem pode se reinventar, mesmo na adversidade, e assim reconstruir sua própria história. Desse modo, são propostos temas geradores, que mobilizam o colégio para a prática pedagógica e conduzem os alunos para a reflexão sobre o mundo e também sobre a sua vida.

A escola por estar inserida em uma Unidade Prisional apresenta características diferentes das demais escolas regulares. O espaço físico, o alunado específico, a comunidade ao redor da escola, a rotatividade dos alunos (devido a transferências), a superlotação do presídio, as rebeliões e motins, entre outras, são algumas características que fazem da escola estar inserida em um ambiente complexo e ter uma peculiaridade maior.

Dessa forma, é preciso pensar em um currículo que converse com todas as características que envolvem o contexto da escola. Para isso, são utilizadas ferramentas pedagógicas diferenciadas a fim de alcançar o sucesso. Dentre elas, podemos citar: a participação em olimpíadas escolares, concursos educativos, confecção de vídeos⁵, paródias, painéis, produção e participação em festival de música, como também produção e participação de café literário. Todas essas ferramentas servem de suporte a todos os segmentos e disciplinas, propiciando uma integração horizontal e vertical de toda escola.

O VIII Café Literário, ocorrido em 24 de novembro de 2015, foi uma compilação do Projeto Político Pedagógico da escola e das ações pedagógicas estabelecidos buscando uma interdisciplinaridade entre as disciplinas da escola.

O espaço onde ocorreu o Café Literário foi em uma antiga cela transformada em auditório⁶ e foi aberto com as palavras da diretora da escola, que agradeceu os esforços de todos os alunos e professores que participaram e construíram seus trabalhos para as apresentações, parabenizando-os orgulhosamente. Após a abertura começaram as apresentações dos trabalhos das turmas.

As turmas de alfabetização realizaram apresentaram de dança de hip hop e de capoeira. As turmas de NEJA I, II, III, apresentaram com o tema " Afro descendência e saúde", através da releitura dos poemas de Gregório de Matos.

A turma de NEJA I e III apresentou o tema "O sol e a saúde", abordando a questão da tuberculose de forma crítica às condições vivenciadas pelos alunos dentro do presídio. Os alunos

⁵ A escola tem uma câmera fotográfica onde todas as fotos tiradas e vídeos feitos passam pelo crivo do diretor da Unidade Prisional que autoriza ou não a divulgação para os professores.

⁶ De acordo com a direção da escola o auditório também serve para as aulas de Educação Física, reforço escolar e ao efetivo prisional, visto que ela é cedida, sempre que possível, para palestras, reuniões dos Narcóticos Anônimos, para o grupo Arte de Viver, para os Alcoólicos Anônimos e exposições em geral - propiciando uma integração entre os alunos da escola e os internos não-alunos e os servidores da unidade prisional.

preparam uma cartilha em papel A4, feita a mão, sobre a tuberculose, (uma das principais doenças contagiosas dentro do presídio, segundo os alunos). A cartilha foi entregue a todos os alunos, professores e convidados, e explicava as formas de contágio, os sintomas da doença e as formas de tratamento. E realizaram uma encenação sobre a situação da vida deles dentro a prisão, a questão da superlotação, a forma de tratamento dos agentes penitenciários com os internos e a questão do banho de sol. Enceraram como tudo isso acontece no dia a dia deles.

Além disso, as duas turmas também apresentaram o tema "Saúde financeira", trazendo alguns dados sobre os gastos da saúde e sobre a tuberculose.

A turma de NEJA II apresentou o tema "Poesia abolicionista", citando poemas e textos sobre a abolição da escravidão ocorrida no Brasil. Por fim, a turma NEJA IV apresentou o tema "Farmácia Baldia no Colégio Estadual Anacleto de Medeiros.

No encerramento a diretora agradeceu a todos que estavam presentes e convidou alguns alunos e pesquisadores presentes para que pudessem comentar sobre o Café Literário. Alguns dos falaram fizeram comentários positivos e incentivando os alunos a não desistirem do estudo, a buscarem sempre o melhor para si mesmo, pois dias melhores virão.

O Café Literário foi uma forma de reinventar o currículo. Buscou novas formas de organização do espaço-tempo e novos meios de aprendizagem e progressão para os alunos. Toda comunidade escolar e ao seu redor interagiu e trabalhou junto.

Houve uma simultaneidade da educação geral com a educação profissional, a teoria com a prática, o universal com o contextualizado, reconhecendo os saberes construídos dos alunos ao longo de suas vidas, com o objetivo de avançar sua capacidade crítica, a criatividade e autonomia.

Considerações finais

O currículo na EJA sempre apresentou falhas desde seu início no Brasil, suas concepções consolidaram ideias que hoje são difíceis de mudar. As práticas curriculares formalistas e infantilizantes atrapalham o desenvolvimento da educação apropriada de acordo com o perfil dos alunos e não levam em consideração a vivência e cotidiano dos alunos para as práticas educacionais. Aprisionam a possibilidade de aprendizagem concreta, aplicando arbitrariamente um pensamento dominante, com propostas tradicionais, o que nos deixam poucas alternativas de mudanças.

Porém, as transformações que tanto pensamos e discutimos são possíveis através de pequenas ações e mudanças começando pela sala de aula na relação de professor-aluno. Deve-se criar novas formas de promover a aprendizagem fora dos limites da estrutura escolar tradicional.

Mas cabe considerar que toda problemática relacionada a educação de jovens e adultos merece compor o currículo de formação básica de todos educadores, para que se aproximem da realidade existente que ainda está em defasagem no nosso contexto educacional.

É preciso desenvolver esforços no afã de proporcionar acesso a educação a todos. Lutar contra a exclusão social e educativa e viabilizar múltiplas trajetórias de formação para toda população. A educação é o único caminho para ter um país melhor desenvolvido.

Referências Bibliográficas.

BEISIEGEL, Celso de Ruy. Política de educação de jovens e adultos analfabetos no Brasil. In

OLIVEIRA, Dalila Andrade (org). A gestão democrática da educação. Desafios contemporâneos.

Petrópolis: Vozes, 1997

BRASIL, Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Recibo de Cadastro de Inspeção. Conselho Nacional de Justiça. 2018. Disponível em:

http://www.cnj.jus.br/inspecao_penal/gera_relatorio.php?tipo_escolha=rel_estabelecimento&opcao_escolhida=737-2114&tipoVisao=presos - acessado em 09/09/2018

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 50ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2011

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Organização curricular e práticas pedagógicas na EJA: algumas reflexões. In OLIVEIRA, Inês Barbosa de & PAIVA, Jane (Orgs) Educação de Jovens e Adultos.

Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2009.

Parecer CNE/CEB Nº11/2000 (Cury) diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos. Pág 1-12

RIBEIRO, Vera Masagão (coord.) Educação para jovens e adultos: ensino fundamental; proposta curricular -1º segmento. São Paulo: Ação Educativa, Brasília: Mec, 2001.

RIBEIRO, Vera Masagão. A formação de educadores e a constituição da educação de jovens e adultos como campo pedagógico. Educação & Sociedade, ano XX, nº 68, Dezembro/99.